



## A AVALIAÇÃO ESCOLAR A SERVIÇO DA APRENDIZAGEM: UMA QUESTÃO URGENTE

*Geraldo Vicente da Silva*

Faculdade de Ciências, Cultura E Extensão do RN – FACEX  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN  
geraldovicente25@hotmail.com

### O Processo de Ensino–Aprendizagem no Contexto Atual

A educação brasileira, em todos os níveis e modalidades, tem passado por significativas mudanças, a maior parte delas decorrentes de fatores políticos, econômicos, sociais, entre muitos outros que direta e indiretamente influenciam o fazer didático-pedagógico da escola.

O que vem ocorrendo não tem sido diferente de décadas anteriores, quando o país passou por mudanças, sejam elas na economia, com a revolução industrial, sejam na política, com a ditadura militar, que colocaram para a educação a tarefa de absorver estas mudanças e preparar as pessoas para atuarem na sociedade que se concebia.

Nos dias atuais, convivemos inevitavelmente com a globalização que nos impõe mudanças urgentes em todos os espaços sociais. Na educação, passou-se a exigir diferentes competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos profissionais para atuarem na dinâmica da sociedade contemporânea. Percebemos que formar um profissional no contexto de dez anos atrás era bem diferente do que se exige hoje.

Conforme Delors (2004, p. 12)

No final de um século tão marcado, quer pela agitação e pela violência, quer pelos progressos econômicos e científicos – estes, aliás, desigualmente repartidos -, no



alvorecer de um novo século cuja aproximação nos deixa indecisos entre a angústia e a esperança, impõe-se que todos os responsáveis prestem atenção às finalidades e aos meios da educação [...].

Mais uma vez cabe à educação a tarefa de preparar o cidadão para atuar na sociedade, levando-o a compreender e a interagir com os diferentes contextos, possibilitando uma mudança mútua. O presente argumento é afirmado quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de nº 9.394/96 estabelece no seu Artigo 2º que a educação (1996, p. 17) “[...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Verifica-se que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de nº 9.394/96, mesmo criticada por vários especialistas, possui em seus princípios uma mudança qualitativa no desenvolvimento das ações educacionais e que já traz, nas entrelinhas, os anseios do relatório da Unesco para a Educação do século XXI.

### **A Avaliação Escolar e as Novas Exigências Educacionais**

No ano seguinte da publicação da LDB, O Ministério da Educação publica os Parâmetros Curriculares Nacionais e nestes, entre tantas outras mudanças no cenário da educação brasileira, coloca a avaliação como uma das grandes aliadas no desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo um grupo (BRASIL, 1997, p.81)



A partir deste momento, o educador tem à disposição uma referência teórica e prática nacional para desenvolver sua ação docente, fundamentada nos estudos mais atuais quanto à compreensão do papel da avaliação no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. A seguir, observaremos o que alguns autores, paralelo aos fundamentos apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, discutiam sobre a avaliação do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno.

Segundo Hoffman, (1993, p.189) “a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício ao educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado”

De acordo com Libâneo (1994, p.195), “a avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos”.

Sant’anna (1995, p. 36), afirma que “considera-se a avaliação dos resultados do ensino-aprendizagem de grande relevância por que permite oferecer informações fundamentais para o processo de tomada de decisões quanto ao currículo”

Observando o que escrevem os três renomados autores, compreendemos que, mesmo em anos diferentes e antecedendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais, os pensamentos convergem a pontos comuns e se completam, não deixando dúvida do caminho sólido a ser traçado pelos professores e professoras a partir deste momento.

Entramos no século XXI e cada vez mais são visíveis as conclusões chegadas no ano de 1996 e publicadas em anos seguintes no Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação. Contudo, é lastimável o que se entende por avaliação do desenvolvimento escolar dos alunos e alunas em muitas escolas públicas e privadas de todo o Brasil, e como esta é praticada.



A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente. Ou seja, o julgamento de valor, que teria a função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado, passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado. Do ponto de vista da aprendizagem escolar, poderá ser definitivamente classificado inferior, médio ou superior. [...] Será que o inferior não pode atingir o nível médio ou superior? [...](LUCKESI, 2006, p. 34)

O autor confirma a prática avaliativa desenvolvida por muitos professores e professoras nas nossas escolas, os quais coontinuam com uma concepção tradicional, percebendo o educando apenas como um receptor de informações, tirando deste a possibilidade de ser autor das suas aprendizagens e, com isto, a construção e reconstrução de muitas outras aprendizagens.

## Uma Experiência de Avaliação a Serviço da Aprendizagem Escolar do Aluno

Na perspectiva de concretizar uma experiência avaliativa, tendo por base uma avaliação a serviço da aprendizagem do aluno, registramos vivência em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Dr. Abelardo Calafange, localizada na Cidade de Canguaretama, Estado do Rio Grande do Norte.

Essa experiência se respalda na compreensão de que não basta a negação, em nível teórico, das práticas avaliativas tradicionais, mas a urgente necessidade de transformar em ação todos os conhecimentos que já possuímos da importân-



cia de desenvolver estratégias e procedimentos de avaliação que estejam a serviço da aprendizagem do discente.

A turma era composta por 26 alunos, estando a grande maioria fora da faixa-etária escolar; era conhecida como “uma turma indisciplinada” que tinham um baixo nível de aprendizagem para o ano de escolaridade em questão. Com os dados em mãos, se fez opção em elaborar um projeto didático que fosse de interesse de todos os alunos e, depois de vários debates, ficou decidido montar um pequeno livro sobre o bairro no qual estava localizada a escola.

Em um primeiro momento, foram levantados os conhecimentos que os alunos tinham sobre o bairro, tais como: o significado do nome, o surgimento do bairro, quantidade de casas, área, quantidade de ruas, primeiros moradores, entre outros. Todas as informações não dominadas compuseram os capítulos do livro.

Depois de construídos, os capítulos eram apresentados à turma em forma de objetivos, organizados em uma ficha de acompanhamento do desenvolvimento do projeto – ficha do desenvolvimento da aprendizagem do aluno – (ver anexo C)

Assim, de acordo com cada etapa a ser desenvolvida, eram debatidos e listados os objetivos a serem alcançados. Ao término de cada dia e/ou etapa, o grupo ou aluno com a ficha de acompanhamento em mãos, realizava uma auto-avaliação, identificando os avanços de acordo com as etapas do projeto.

A avaliação, apesar de ser responsabilidade do professor, não deve ser considerada função exclusiva dele. Delegá-la aos alunos, em determinados momentos, é uma condição didática necessária para que construam instrumentos de auto-regulação para as diferentes aprendizagens. A auto-avaliação é uma situação de aprendizagem em que o aluno desenvolve estratégias de análise e interpretação de suas produções e dos di-



ferentes procedimentos para se avaliar. (BRASIL, 1997, p. 89)

Como afirmam os PCN's, a avaliação deve ser compartilhada com os alunos para que possamos inseri-los no processo de ensino-aprendizagem e ainda compreendam que o professor é um mediador da aprendizagem, No entanto, o grande responsável pela elaboração e reelaboração dos conhecimentos apreendidos a partir das informações disponibilizadas em um dado momento pelo professor, é ele, o aluno.

Ao término das aulas as fichas eram recolhidas, analisadas e registrados os avanços e recuos dos alunos no dia em questão, de acordo com cada etapa prevista no projeto/ficha. Ao se perceber que o aluno ou o grupo não havia avançado após a auto-avaliação, eram encaminhadas novas atividades ou apenas a retomada de algumas, de acordo com o desempenho de cada grupo ou aluno.

Em alguns momentos das aulas os alunos perguntavam se não iam estudar, ou afirmavam alegres que "assim é bom porque não fazemos prova". Percebemos nestes argumentos que os discentes não compreendiam que as atividades de pesquisa, montagem de gráficos, entrevistas aos moradores e produção de textos eram procedimentos didáticos. No que diz respeito aos procedimentos de avaliação, fica claro que o fato de não serem convidados a se sentar enfileirados para, em um dia "X", realizar uma "prova", acreditavam não estarem sendo avaliados.

Com a sistematização das atividades ora relatadas, o projeto foi concluído, tendo significativa aceitação dos alunos, dos pais e de toda a comunidade escolar, ao observarem e em alguns momentos questionarem o que se tinha feito para "os alunos estarem lendo, escrevendo e fazendo contas daquele jeito", diferente do que se relatava antes do desenvolvimento do projeto.



E, tendo como perspectiva a afirmação de Perrenoud (1999, p. 103), que diz ser “formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento do sentido de um projeto educativo”, é que todas as atividades encaminhadas, à citada turma tiveram como princípio básico que a avaliação precisa, no seio da escola, encontrar-se a serviço do desenvolvimento das aprendizagens do aluno.

## Recomendações

Sabendo da importância de empreender esforços para uma negação teórica e prática urgente dos processos de avaliação tradicionais desenvolvidos em sala de aula, comprovados em muitos aspectos pelos baixos níveis de aprendizagens demonstradas em avaliações externas aplicadas pelo Ministério da Educação em todo o Brasil, é que a prática, ora relatada, se faz necessária nas ações docentes, merecendo atenção de professores, coordenadores pedagógicos e toda a comunidade escolar que esteja engajada em mudanças qualitativas da educação.





## Bibliografia

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, 9.394/96.** 3 ed. Brasília: Senado Federal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação:** Um tesouro a descobrir. ed. 9. São Paulo: Cortez, 2004.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora:** Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** Estudos e proposições. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?:** Critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.





## ANEXO A – IMAGENS



Foto 01: Momento da pesquisa



Foto 02: Auto-avaliação



Foto 03: Construção de textos



Foto 04: Construção coletiva de um gráfico



## ANEXO B – FORMULÁRIO DE PESQUISA UTILIZADA NO PROJETO

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANGUARETAMA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ESCOLA MUNICIPAL ABELARDO CALAFANGE5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – TURNO MATUTINOPROFESSOR: Geraldo Vicente da Silva

A GRANDE HISTÓRIA DO MEIRA LIMA: DE FÁBRICA A CONJUNTO

QUESTIONÁRIO

QUADRA: \_\_\_\_ Nº DA CASA: \_\_\_\_ NOME: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

OBS: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1. Qual a sua cidade de Origem: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

2. Quantas pessoas moram nesta casa/residência? \_\_\_\_\_

SEXO	FAIXA ETÁRIA												OBS		
	0-5	6-10	11-15	16-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60		ACIMA DE 60	
MASCULINO															
FEMININO															
TOTAL=>															



3. Qual a ocupação dos adultos da família?

<input type="checkbox"/>	Cortador de Cana	<input type="checkbox"/>	Professor(a)
<input type="checkbox"/>	Comerciante	<input type="checkbox"/>	Carpinteiro
<input type="checkbox"/>	Aposentado	<input type="checkbox"/>	Borracheiro
<input type="checkbox"/>	Funileiro	<input type="checkbox"/>	Mecânico
<input type="checkbox"/>	Do lar	<input type="checkbox"/>	Motorista
<input type="checkbox"/>	Empregada doméstica	<input type="checkbox"/>	Autônomo
<input type="checkbox"/>	Babá	<input type="checkbox"/>	Outros:
<input type="checkbox"/>	Lavadeira	<input type="checkbox"/>	Outros
<input type="checkbox"/>	Merendeira	<input type="checkbox"/>	Desempregado(a)

4. Qual a religião seguida pelas pessoas da família

<input type="checkbox"/>	Católica	<input type="checkbox"/>	Candomblé
<input type="checkbox"/>	Evangélica	<input type="checkbox"/>	Outra:

5. O que é feito com o lixo produzido na sua residência?

<input type="checkbox"/>	Queimado	<input type="checkbox"/>	Coleta
<input type="checkbox"/>	Enterrado	<input type="checkbox"/>	Outros

6. Que nota o senhor dar a limpeza da rua?

<input type="checkbox"/>	Otima	<input type="checkbox"/>	Regular	<input type="checkbox"/>	OBS:
<input type="checkbox"/>	Boa	<input type="checkbox"/>	Péssima		

7. Que nota o senhor dar para a iluminação das ruas?

<input type="checkbox"/>	Otima	<input type="checkbox"/>	Regular	<input type="checkbox"/>	OBS:
<input type="checkbox"/>	Boa	<input type="checkbox"/>	Péssima		

8. Que nota o senhor dar ao abastecimento de água no Meira Lima?

<input type="checkbox"/>	Otima	<input type="checkbox"/>	Regular	<input type="checkbox"/>	OBS:
<input type="checkbox"/>	Boa	<input type="checkbox"/>	Péssima		

9. Qual a sua opinião sobre o ensino da Escola Dr. Abelardo Calafange

<input type="checkbox"/>	Otimo	<input type="checkbox"/>	Regular	<input type="checkbox"/>	OBS:
<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>	Péssimo		

10. Que esportes seus filhos praticam aqui no Meira Lima?

<input type="checkbox"/>	Futebol	<input type="checkbox"/>	Vôlei
<input type="checkbox"/>	Futsal	<input type="checkbox"/>	Outros

11. Morar no Meira Lima é:

<input type="checkbox"/>	Otimo	<input type="checkbox"/>	Regular	<input type="checkbox"/>	OBS:
<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>	Péssimo		

Canguaretama, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2007.

Aluno (a) Responsável pela pesquisa \_\_\_\_\_



## ANEXO C – FICHA DE ACOMPANHAMENTO DO PROJETO/ APRENDIZAGEM

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANGUARETAMA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ESCOLA MUNICIPAL ABELARDO CALAFANGE5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – TURNO MATUTINOPROFESSOR: Geraldo Vicente da Silva

A GRANDE HISTÓRIA DO MEIRA LIMA: DE FÁBRICA A CONJUNTO

FICHA DE ACOMPANHAMENTO GERAL

ETAPA: Entrevista

OBJETIVOS

ORDEM	OBJETIVOS	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	OBS
01	• Montar perfil da população do Meira Lima								
02	• Refletir e posicionar-se criticamente sobre os hábitos de higiene urbanos adotados pela comunidade;								
03	• Identificar as crenças e religiões seguidas pelo povo do Meira Lima;								
04	• Traçar um mapa da origem das pessoas que formam a comunidade do Meira Lima.								
05	• Identificar as formas de esporte e lazer praticados pelas pessoas da comunidade;								

OBSERVAÇÕES POR GRUPO

G1: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



G2: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

G3: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

G4: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

G5: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

G6: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

G7: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

